1 Introdução

Quando se analisam estudos e comentários a respeito de Rm 5,12-21, elaborados no decorrer da história, constata-se que a perícopé foi utilizada como argumentação em favor de afirmações antropológicas e soteriológicas as mais contraditórias¹. Pouco se leva em conta a intenção original do autor, a estrutura da perícopé, a sua função no contexto literário no qual está inserida e outras alusões às Escrituras de Israel² empregadas na sua construção além daquelas a Gn 3.

Um dos principais fatores que ocasionaram tais omissões foi o debate a respeito de Rm 5,12d (ἐφ' ᾧ πάντες ἥμαρτον) traduzido pelo *Ambrosiaster* como “in quo omnes peccaverunt”³, ou seja, “no qual todos pecaram”. Tal tradução a partir de sua utilização por Agostinho de Hipona na controvérsia antipelagiana⁴ como argumento a favor da doutrina chamada pelo Doutor da Graça de “originale peccatum”⁵, torna esse versículo um destaque na história da exegese e do dogma.

Tal concentração em Rm 5,12d e no tema do “pecado original” excluiu até mesmo a possibilidade de se buscar a relação desse texto com outros textos das Escrituras de Israel além de Gn 3. Cita-se como exemplo dessa postura, entre tantos outros, os seguintes autores: *Ambrosiaster*⁶, Pelágio⁷, João Crisóstomo⁸, Tomás de Aquino⁹, Calvino¹⁰. Entre os estudos mais recentes pode-se apresentar Lagrange¹¹, Cerfaux¹², Lyonnet¹³ e GreLOT¹⁴.

¹ Desde a consideração da humanidade como uma *massa damnata* e as consequências desta afirmação em Santo Agostinho à defesa de algo muito próximo à *apokatastasis* origeniana em Barth. Cf. *De pecc. merit. et rem.*, I, XI, 13: PL 44, 116-117; BARTH, K. *Carta aos Romanos*. São Paulo: Novo Século, 1999, p. 281.

² O termo “Escrituras de Israel” será utilizado neste trabalho para indicar os textos veterotestamentários utilizados por Paulo por questões de ordem histórica, relegando-se o termo “Antigo Testamento” para as citações onde é utilizado e para quando o contexto assim o permitir.

³ Cf. *In Epist. ad Rom.* V, 12: PL 17, 92a.

⁴ Na sua obra *Contra duas epistolas pelagianorum*, Agostinho apresenta sua interpretação de Rm 5,12d, interpretação esta que tanto influenciou a história da exegese e do dogma no Ocidente cristão Cf. *Contr. duas epist.*, IV, 4, 7: PL 44, 614.

⁵ Cf. *De pecc. merit. et rem.*, I, IX, 9: PL 44, 114.

⁶ Cf. *In Epist. ad Rom.* V,12-21: PL 17, 92a-99b.

⁷ Cf. Cfr. *Exp. in Rom.* 5,12-21: PLS 1, 1136-1138.

⁸ Cf. *In epist. ad Rom.* X, 5,12-21: PG 60, 473-484.

⁹ Cf. *S. Th. Ia IIae*, q. 81, a.1, ad 1.

¹⁰ Cf. CALVINO, J. *Exposição de Romanos*. São Paulo: Paracletos, 1997, pp. 186-195.

¹¹ Cf. LAGRANGE, M. J. *Épître aux romains*, Paris: J. Gabalda et Cie. Éditeurs, 1950, pp. 105-118.

¹² Cf. CERFAUX, L. *Cristo na Teologia de Paulo*. São Paulo: Paulinas, 1977, pp. 176-180.

¹³ Cf. LYONNET, S. *La Storia della Salvezza nella Lettera ai Romani*. Napoli: M. D'Auria Editore Pontificio, 1966, pp. 51-92.

¹⁴ Cf. GRELOT, P. Pour une lecture de Romains 5,12-21. *NRT* 116 (1994) 495-512.

Diante desse quadro, a presente pesquisa pretende ser uma contribuição ao estudo literário, exegético e teológico de Rm 5,12-21, a qual leve em consideração aspectos transcurados no estudo da perícopa, dando especial atenção às relações intertextuais com Is 52,13-53,12. Essa aproximação intertextual será feita a partir do Método proposto por G. K. Beale no livro *Handbook on the New Testament Use of the Old Testament – Exegesis and Interpretation*¹⁵.

1.1.

O uso das Escrituras de Israel nos escritos paulinos¹⁶

O presente item tem como objeto o debate sobre o uso das Escrituras de Israel por Paulo. Quanto ao método a ser empregado, mais do que um elenco de pensadores em ordem cronológica, se pretende apresentar os vários aspectos do debate e propostas no que diz respeito à compreensão do uso dos textos veterotestamentários¹⁷ nos escritos paulinos.

1.1.1.

Contextualização do debate sobre o uso das Escrituras de Israel por Paulo

Dos primórdios do cristianismo até a utilização do Método Histórico-Crítico nos estudos bíblicos, a interpretação que Paulo fez das Escrituras de Israel nos seus escritos não causou grandes dificuldades entre os seus leitores cristãos, exceção feita certamente a parte de seus contemporâneos, sendo que os textos veterotestamentários eram lidos na maioria das vezes pela comunidade cristã, a partir da interpretação que o Apóstolo fez deles.

¹⁵ BEALE, G. K. *Handbook on the New Testament Use of the Old Testament – Exegesis and Interpretation*. Grand Rapids: Baker Academic, 2012.

¹⁶ Poder-se-ia esperar que o item 2.2.6.2., ou seja, as considerações sobre o uso de Is 52,13-53,12 em Rm 5,12-21, fosse o *Status Quaestionis* desta Tese, mas na verdade, de acordo com a proposta metodológica empregada, tais considerações fazem parte da aplicação do critério da “História da Interpretação”, proposto por R. Hays para a validação das alusões. Tal critério tem como única finalidade determinar se outros leitores foram capazes de perceber as mesmas alusões que poderiam ter percebido os contemporâneos do Apóstolo. Cf. HAYS, R. B. *Echoes of Scripture in the Letters of Paul*. Yale: Yale University Press, 1989, p. 31; BEALE, G. K. *Handbook on the New Testament Use of the Old Testament*, p. 33.

¹⁷ O uso do termo “veterotestamentário” será utilizado simplesmente por questão estilística, sem prejuízo da opção feita pelo uso de “Escrituras de Israel”.

Com a aproximação histórico-crítica de tais textos, passou-se a perceber o distanciamento entre o que as Escrituras de Israel diziam no seu contexto original e o novo sentido a eles conferido pelo Apóstolo, na sua missão de fazer conhecida a sua experiência do evento Cristo.

Exemplo clássico da peculiaridade da hermenêutica que Paulo faz das Escrituras é o uso de Dt 34,11-14 em Rm 10,6-10. No texto veterotestamentário Moisés exorta Israel a cumprir a Lei que foi dada como dom ao povo, sendo que esta não é algo oculto ou longínquo (cf. Dt 30,11), mas está perto, na boca e no coração, para que possa ser cumprida (cf. Dt 30,14). Paulo, por sua vez, utiliza estas mesmas expressões referindo-se, no entanto, à “palavra da fé”. Embasa, assim, a tese da justificação pela fé, não pela observância dos preceitos da Lei, fazendo de Moisés uma testemunha do seu Evangelho.

Para Paulo a revelação plena de Deus é Jesus Cristo. No entanto, poder-se-ia ver aí, como o viram muitos dos seus contemporâneos provindos do judaísmo, um uso das Escrituras dos hebreus que não leva em consideração o seu contexto.

No entanto, já entre o séc. III e II a.C., em Alexandria, quando foi feita a tradução grega das Escrituras de Israel, constatou-se a iniciativa de não só fazer uma tradução literal dos textos, mas também de interpretá-los, a ponto de poder-se afirmar que na versão dos LXX encontram-se simultaneamente refletidas as ideias teológicas e as tendências do judaísmo do seu contexto¹⁸.

O judaísmo helenista¹⁹ e a literatura apocalíptica²⁰ são também testemunhas dessa prática hermenêutica. As mesmas Escrituras de Israel não se explicam sem esse processo²¹. Porém, é no rabinismo posterior ao ano 70 d.C. que se pode detectar com maior amplitude a tentativa de ler um sentido profundo por detrás do sentido literal das palavras²².

¹⁸ Cf. HARL, M. – DORIVAL, G. – MUNNICH, O. *A Bíblia Grega dos Setenta. Do Judaísmo helenístico ao Cristianismo antigo*. São Paulo: Loyola, 2007; TILLY, M. *Introdução à Septuaginta*. São Paulo: Loyola, 2009; TREBOLLE BARRERA, J. *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã - Introdução à História da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1999, pp. 380-382.

¹⁹ Cf. LONGENECKER, R. N. *Biblical Exegesis in the Apostolic Period*. 2ª ed. Grand Rapids: Eerdmans, 1999, pp. 32-33.

²⁰ Cf. TREBOLLE BARRERA, J. *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã - Introdução à História da Bíblia*, pp. 534-537.

²¹ Cf. TREBOLLE BARRERA, J. *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã - Introdução à História da Bíblia*, pp. 513-520.

²² Cf. LONGENECKER, R. N. *Biblical Exegesis in the Apostolic Period*. 2ª ed. Grand Rapids: Eerdmans, 1999, pp. 18-21; TREBOLLE BARRERA, J. *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã - Introdução à História da Bíblia*, pp. 562-579.

A tentativa mais antiga de formalizar o problema hermenêutico foi a de Fílon de Alexandria, no século I a.C. Isto porque teve a necessidade de interpretar as tradições judaicas a partir do contexto helenístico, valendo-se principalmente do uso da alegoria²³.

O método alegórico não se reduziu a desafios de ordem apologética ou didática, mas também a uma exigência de ordem mística, ainda que, fundamentalmente, se trate de reduzir as dificuldades que a Torá apresenta às pessoas inseridas em outro contexto cultural²⁴. Deste modo pode-se dizer “que em Fílon convergem a Sabedoria bíblica, que não deixa de revestir-se com caracteres mitológicos, e a Filosofia platônica, que Fílon não deixa de transformar em metáfora de uma nova Sabedoria judaica”²⁵.

Em Paulo, no entanto, encontra-se um procedimento diverso da interpretação alegórica dos textos escriturísticos. O Apóstolo faz uma leitura tipológica das Escrituras de Israel.

No contexto das disputas com os judaizantes a respeito do papel soteriológico da Lei de Moisés, a comunidade cristã primitiva busca demonstrar a superioridade do Novo sobre o Antigo Testamento. Uma das maiores contribuições nesse esforço foi dada exatamente por Paulo:

Ele opõe, por exemplo, a letra que mata ao espírito que dá a vida (cf. 2Cor 3,6), a circuncisão da carne à circuncisão do espírito (cf. Rm 2,28), o véu que cobre o Antigo Testamento a Cristo, no qual o véu cai e é desvendado plenamente o seu sentido (cf. 2Cor 3,13). De modo particular, a Torah é apresentada como *prefiguração* (τύπος): as personagens das narrativas veterotestamentárias são colocadas em relação a Cristo e ao Evangelho. Não se trata de pura atualização, como era feito com as profecias messiânicas, que, anunciando um rei futuro, tinham em Cristo o seu sentido pleno. Na tipologia, não se nega o dado veterotestamentário; sem eliminá-lo, outorga-se-lhe um novo significado. São

²³ Cf. LONGENECKER, R. N. *Biblical Exegesis in the Apostolic Period*. 2ª ed. Grand Rapids: Eerdmans, 1999, pp. 30-32; TREBOLLE BARRERA, J. *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã - Introdução à História da Bíblia*, pp. 556-559.

²⁴ Cf. GILBERT, P. *Pequena História da Exegese Bíblica*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 89. Tal exigência se imporá à compreensão da Escritura na época Patrística e ao longo de toda a Idade Média. O pano de fundo de tudo isto é precisamente o princípio hermenêutico de que o texto escriturístico não se esgota em sua primeira intenção, porém diz algo mais. Com efeito, durante a Idade Média era comum a discussão teológica sobre os sentidos da Escritura, os quais eram assim resumidos em verso por Agostinho di Dacia: “*Littera gesta docet, quid credas allegoria, moralis quid agas, quo tendas anagogia*”, ou seja, o sentido literal, o alegórico ou cristológico, o moral ou tropológico, relativo aos costumes e o escatológico também chamado anagógico, que “conduz para”. Cf. CROATTO, J. S. *Hermenêutica Bíblica*. São Leopoldo: Sinodal - São Paulo: Paulinas, 1986, p. 11.

²⁵ TREBOLLE BARRERA, J. *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã - Introdução à História da Bíblia*, p. 557.

realidades a serem lidas em dois níveis: o nível literal e o nível espiritual, que as refere a Cristo e à Igreja²⁶.

Em 2Cor 3,12-18 Paulo fala de um sentido profundo do texto das Escrituras que supera o meramente literal, lido a partir de Cristo, sentido este que os judeus se teriam tornado incapazes de compreender. Segundo o Apóstolo, Cristo é o único a desvelar esse sentido espiritual das Escrituras de Israel, e os cristãos, pela sua fé em Cristo, seriam, portanto, os únicos capazes de lê-las convenientemente:

Possuindo, portanto, tal esperança, usamos de muita confiança. E não como Moisés, que punha um véu sobre a sua face, para que os filhos de Israel não fixassem o olhar no fim daquilo que era transitório. Mas os seus sentidos continuam fechados até hoje em dia, pois quando leem o Antigo Testamento o mesmo véu permanece, porque é em Cristo que é abolido, e até hoje em dia, quando se lê Moisés, o véu está sobre o coração deles. Mas, quando se converterem ao Senhor o véu será removido (2Cor 3,12-16)²⁷.

Para Paulo, assim como para as primeiras gerações cristãs, as Escrituras de Israel são colocadas a serviço do anúncio da experiência de Cristo, da compreensão do seu mistério, de sua morte e de sua ressurreição:

Eu vos transmiti primeiramente, aquilo que também recebi: que Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras, que foi sepultado, que foi ressuscitado ao terceiro dia, segundo as Escrituras, e que foi visto por Cefas e em seguida pelos doze (1Cor 15,3-5).

O que interessa é a utilização e a compreensão das Escrituras de Israel colocadas totalmente a serviço da compreensão do mistério de Cristo: Jesus é o Messias e ele ressuscitou dentre os mortos. O importante é a significação simbólica e, portanto, premonitória que se podia trazer ou atribuir aos fatos, aos textos. Assim, acontecimentos, personagens e discursos do passado, qualquer que seja a sua natureza literal e exata, são colocados a serviço da interpretação que Paulo faz das Escrituras de Israel.

Paulo, em sua primeira Carta aos Coríntios, na qual ensina aos cristãos o significado do evento Cristo para eles, propõe uma releitura dos principais episódios do Êxodo:

²⁶ LIMA, M. L. C. *A unidade da Sagrada Escritura, Antigo e Novo Testamento. Coletânea 7* (2008) 169.

²⁷ Os textos bíblicos citados foram traduzidos pelo autor da Tese a partir do *Novum Testamentum Graece*. NESTLE, E. - ALAND, K. 28ª ed., Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012 e da *Biblia Hebraica Stuttgartensia*. ELLIGER, K. - RUDOLPH, W. (orgs.). 5ª ed., Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.

Não quero que vós ignoreis irmãos que os nossos pais estiveram todos sob a nuvem, todos atravessaram o mar e todos foram batizados em Moisés na nuvem e no mar. Todos do mesmo alimento espiritual comeram e todos da mesma bebida espiritual beberam, pois bebiam de uma pedra espiritual que os acompanhava, e essa pedra era Cristo (1Cor 10,1-4).

É evidente que Paulo aqui raciocina conscientemente em função do alcance tipológico dos acontecimentos. Essas realidades não são compreendidas unicamente em relação ao passado e ao Israel histórico dos quais dependem; elas se tornam figuras de realidades então futuras das quais os cristãos fizeram depois experiência em Cristo. Em outras palavras, Paulo faz aqui uma leitura dos grandes momentos do Êxodo, vendo neles as figuras de Cristo, do batismo e, portanto, da experiência dos cristãos identificados com os hebreus do Êxodo²⁸.

Na Carta aos Gálatas, Paulo, mesmo utilizando, esta única vez, a palavra alegoria, dá um passo a mais na sua interpretação que é tipológica, pois, mesmo atribuindo um novo sentido ao texto, não nega o sentido literal das Escrituras de Israel:

Está escrito que Abraão teve dois filhos, um da serva e um da livre. Mas o que nasceu da serva nasceu segundo a carne, o da livre por meio da promessa. Isso é dito em alegoria. Estas são as duas alianças. Uma, a do monte Sinai, gera para a escravidão que é Agar. E Agar é o monte Sinai que está na Arábia e corresponde àquilo que agora é Jerusalém, que de fato serve com seus filhos. Mas a Jerusalém do alto é livre, essa é a nossa mãe. De fato, está escrito: “Alegra-te, estéril, que não dás à luz, prorrompe e grita, tu, que não sofres as dores do parto, porque os filhos da solitária são mais do que os daquela que tem marido”.

Nós, porém, irmãos, como Isaac, somos filhos da promessa. Mas como então, o que nasceu segundo a carne perseguia o que nasceu segundo o espírito, assim também agora. Porém o que diz a Escritura? Põe para fora a serva e o seu filho, pois não herdará o filho da serva com o filho da livre. Por essa razão, irmãos não somos filhos da serva, mas da livre.

Para a liberdade Cristo nos libertou. Estejais firmes, portanto, e não vos deixeis novamente submeter ao jugo da escravidão (Gl 4,22-28; 5,1).

O que Paulo quer aqui não é retomar simplesmente o que foi narrado no livro do Gênesis. O que lhe interessa são as figuras das mulheres que acompanham a figura de Abraão, as quais têm a função literária de fazer compreender aos gálatas as duas atitudes entre as quais eles têm que escolher: ou permanecer filhos da “mulher livre” na fidelidade a Cristo, ou voltar à escravidão, simbolizada pela serva, a qual ele identifica com o Israel que recusou a Cristo e com cristãos que querem voltar à prática da Lei. O Apóstolo, mesmo não negando o seu sentido literal,

²⁸ Cf. GILBERT, P. *Pequena História da Exegese Bíblica*, p. 82.

argumenta submetendo a leitura do texto a uma espécie de torção, justamente para restabelecer polemicamente uma ordem de coisas sobre a qual elabora sua demonstração, atribuindo-lhe um novo significado, de modo que M. Simonetti²⁹ pode afirmar:

O fato de que Paulo fale só excepcionalmente de *alegoria*, enquanto normalmente utiliza *typos*, palavra estranha à terminologia alegorizante dos gregos e judeus-helenistas, para indicar as prefigurações veterotestamentárias de Cristo e da Igreja, faz pensar que ele não tenha tido simpatia pelo termo *alegoria* e derivados, quase querendo evitar, como ao contrário tinha feito Filon, igualar terminologicamente a alegorização dos mitos pagãos à interpretação cristológica e eclesial dos fatos do Antigo Testamento; e, de fato, enquanto a interpretação alegórica dos mitos pagãos destrói o seu sentido literal, Paulo – como Filon – sobrepõe um novo significado ao sentido literal da narração bíblica, sem eliminá-lo. Veremos que outros escritores cristãos manifestam a mesma desconfiança por *alegoria*, mas sejam eles, seja Paulo, em substância, estão convictos de que *typos* é uma forma de *alegoria*. (...) os antigos exegetas, enquanto designavam com nomes diversos vários tipos de interpretação alegórica (espiritual, moral), utilizam, porém, *alegoria* para indicar em bloco todo tipo de interpretação não literal (...)³⁰.

Em Rm 5,12-21, o seu procedimento manifesta admiráveis qualidades de compreensão e, na continuidade da Carta aos Gálatas, fundamenta o seu julgamento aparentemente excessivo a respeito dos judaizantes, numa ampla reflexão que abrange a história da humanidade em seu todo, do Gênesis a Cristo. Adão e Cristo, ambos iniciadores e cabeças, um da humanidade votada ao pecado e à morte, o outro, da humanidade liberta para a justiça e a vida, são aqui contrapostos e unidos numa relação antitípica em virtude dos efeitos universais de sua ação.

Sem dúvida, em Rm 5,12-21, Paulo se serviu de um esquema de conceitos, símbolos e representações preexistentes provindos das Escrituras de Israel e da comunidade cristã primitiva, mas deles não se apropriou inadvertidamente. Pelo contrário, transformou-os e reformulou-os. A tensão entre a tradição recebida e a interpretação paulina se evidencia já na estrutura descontínua das frases: a primeira delas é incompleta, as outras repetidamente interrompidas por comentários e correções³¹.

No entanto, esse tipo de leitura que Paulo faz da Escritura de Israel nas suas cartas, às vezes levando em conta o contexto, às vezes fazendo uma leitura descontextualizada, causou certo desconforto em alguns de seus leitores

²⁹ Todos os textos citados de obras em língua estrangeira foram traduzidos pelo autor da Tese.

³⁰ SIMONETTI, M. *Lettera e/o Allegoria*. Roma: Augustiniana, 1985, p. 25.

³¹ Cf. BORNKAMM, G. *Paulo - Vida e Obra*. Petrópolis: Vozes, 1992, p. 150.

contemporâneos de cultura judaica, como também em muitos estudiosos dos últimos séculos até a atualidade. Isto principalmente a partir do surgimento do Método Histórico-Crítico, o qual tem como objetivo não só procurar o sentido do texto na época de sua produção, mas também, muitas vezes, de considerá-lo normativo, a ponto de desqualificar outros modos de leitura, ocasionando a produção de uma série de teorias que tentaram elucidar as peculiaridades do uso que o Apóstolo faz das Escrituras de Israel.

1.1.2.

Teorias baseadas nas variantes textuais

Alguns tentaram explicar a diferença de sentido entre o texto veterotestamentário no seu contexto original e o uso que Paulo faz deste, tratando tal diferença como se fosse resultado de simples variantes textuais, as quais procederiam do uso desta ou daquela versão das Escrituras de Israel.

G. Roepe tenta explicar tal diferença partindo do fato de que Paulo não utilizaria o texto hebraico, mas daria preferência à Septuaginta ou, às vezes, a outra versão grega. Quando existe dissonância entre essas versões e o texto paulino, isso poderia ter sua explicação no fato de que houve uma combinação delas ou estas foram citadas à memória³².

E. F. Kautzsch chega a conclusões semelhantes: Paulo usaria a versão dos Setenta, citando-a às vezes à memória, com exceção das duas citações de Jó (cf. Rm 11,35; 1Cor 3,19), pois não teria à sua disposição esse livro em grego³³.

Para E. Böhl as peculiaridades das citações paulinas das Escrituras de Israel se deveriam ao uso de um texto aramaico popular (*Volksbibel*), que apresenta frequentemente semelhanças à Septuaginta³⁴.

No entanto, para M. Silva, a situação se mostra bem mais complexa, pelo fato de poder-se elencar ao menos cinco grupos, segundo o modo de referência ao texto veterotestamentário feita por Paulo:

³² Cf. ROEPE, G. *De Veteris Testamenti locorum in apostolorum libris allegatione commentatio*, Halle: Friderici Ruff, 1827, p. 3ss.

³³ Cf. KAUTZSCH, E. F. *De veteris Testamenti locis a Paulo apostolo allegatis*, Lipsiae: Typis Exscripterunt Metzger & Wittig, 1869, pp. 67-70, 108-110.

³⁴ Cf. BÖHL, E. *Forschungen nach einer Volksbibel zur Zeit Jesu und deren Zusammenhang mit der Septuaginta-Überstzung*. Wien: Braumüller, 1873, p. iv.

- a) Um primeiro grupo é formado por citações em que não existem problemas textuais. Em tais citações, a Septuaginta traduz o texto hebraico quase literalmente e quando, por sua vez, Paulo o cita, o faz substancialmente conforme a versão grega.
- b) Um segundo grupo compreende os poucos casos em que, existindo diferenças entre o texto hebraico e a Septuaginta, Paulo, ao citar, aproxima-se do texto hebraico³⁵, desconsiderando a tradição textual da tradução grega corrente.
- c) Em um terceiro grupo de citações, que são a maioria, também há divergência entre o texto hebraico e a Septuaginta, mas, ao contrário do grupo precedente, Paulo segue a Septuaginta e se afasta do texto hebraico.
- d) Um quarto grupo é formado por citações em que Paulo diverge tanto do texto hebraico, quanto da Septuaginta, mesmo quando essas fontes textuais concordam entre si.
- e) Em um último grupo está uma série de citações consideradas problemáticas, porque existem controvérsias quanto à fonte da citação e/ou porque se discute se se trata de uma alusão ou de uma citação³⁶.

Tal elenco é uma demonstração de que Paulo não segue um método simples no modo em que usa as Escrituras de Israel. Se, de um lado, pode-se declarar que Paulo nem sempre encontra a necessidade de reproduzir exatamente o texto veterotestamentário, por outro lado, quando necessita, utiliza o texto literalmente para apoiar o seu ensinamento (cf. Gl 3,16)³⁷.

Tendo presente o que foi dito anteriormente, pode-se perguntar: que fonte textual usou Paulo? Para M. Silva essa questão é difícil de responder, pois “não existe uniformidade no uso que Paulo faz de suas fontes textuais”³⁸. A sua dependência da tradução grega mais usada no seu tempo, ou seja, a Septuaginta, é

³⁵ Quando se fala aqui de texto hebraico, entende-se dizer que Paulo se aproxima do que hoje é o texto massorético e não de outras tradições textuais hebraicas.

³⁶ Cf. SILVA, M. *Antico Testamento in Paolo*. In: Hawthorne, G. F. - Martin, R. P. - Reid, D. G. *Dizionario di Paolo e delle sue lettere*, Milano: San Paolo, 1999, pp. 59-60.

³⁷ Cf. SILVA, M. *Antico Testamento in Paolo*, pp. 60-61; ABASCIANO, B. J. *Paul's Use of the Old Testament in Romans 9:1-9: An Intertextual and Theological Exegesis*. Ph.D Dissertation. University of Aberdeen, 2004, pp. 14-15.

³⁸ SILVA, M. *Antico Testamento in Paolo*, p. 61.

clara³⁹; mas, por outro lado, “não existem argumentos para sustentar que ele conhecesse o original hebraico e que este último, ao menos em alguns casos, fosse determinante para o seu uso do Antigo Testamento”⁴⁰.

Tal problema sobre o uso das fontes textuais por Paulo está relacionado a questões que dizem respeito à transmissão do texto:

Os tradutores da Septuaginta podem ter usado os manuscritos hebraicos compilados naquele tempo (dois ou três séculos antes de Cristo), quando a situação do texto era ainda, mais do que tudo, fluida; no ano 100 d.C., porém, o texto hebraico se tornou mais estável, mas somente alguns séculos depois o texto que chegou até nós assumiu forma definitiva (o Texto Massorético)⁴¹.

Pode-se perguntar se algumas variações no uso paulino das Escrituras de Israel não são resultado dessas mutações ocorridas no processo de transmissão textual. De fato, o achado de manuscritos hebraicos em Qumran e em outras partes do deserto da Judeia confirmou que em alguns casos a forma textual da Septuaginta concorda com uma *Vorlage* hebraica divergente do Texto Massorético, como no caso de Jeremias⁴².

Como fator complicador do debate soma-se o fato de que aquilo que comumente se chama de Septuaginta “é na realidade a coleção de várias traduções efetuadas em tempos diversos por pessoas diversas, as quais puseram em ação os seus dotes de maneira diferente uma da outra e seguiram métodos diversos”⁴³.

Esses pormenores de ordem técnica mostram-se importantes, pois, se uma citação feita por Paulo é divergente do texto padrão da Septuaginta, mas encontra ressonância em algum manuscrito secundário da mesma Septuaginta ou em traduções posteriores, “a maior parte dos estudiosos é propensa a entender que a divergência não se originou com Paulo, mas em uma tradição textual paralela”⁴⁴. No entanto, se não existe nenhum manuscrito secundário da Septuaginta ou tradução posterior que apoie a forma textual da citação paulina que também é

³⁹ Para E. E. Earle, percebe-se em Paulo uma afinidade com a Septuaginta não só nas referências que faz às Escrituras de Israel, mas também ela “estende-se tanto ao seu estilo em geral, como ao seu vocabulário”. EARLE, E. E. *Paul's Use of the Old Testament*. Eugene: Wipf and Stock, 2003, p. 13.

⁴⁰ SILVA, M. *Antico Testamento in Paolo*, p. 61.

⁴¹ SILVA, M. *Antico Testamento in Paolo*, p. 61; cf. WAGNER, J. R. *Heralds of the Good News: Isaiah and Paul "in Concert" in the Letter to the Romans*. NovTSup 101. Leiden: Brill, 2002, pp. 16-17.

⁴² Cf. SILVA, M. *Antico Testamento in Paolo*, p. 61.

⁴³ SILVA, M. *Antico Testamento in Paolo*, p. 61; cf. EARLE, E. E. *Paul's Use of the Old Testament*, p. 13.

⁴⁴ Cf. SILVA, M. *Antico Testamento in Paolo*, p. 62.

divergente da Septuaginta, tende-se a opinar que Paulo seja a origem da variante⁴⁵. Porém, segundo M. Silva,

para entender o uso da Escritura por Paulo é necessário ir muito mais além das variantes verbais. Diversos passos que contém citações literais podem conter importantes elementos hermenêuticos. E, ao contrário, textos que não contém absolutamente uma citação explícita podem ser indicativos para entender a exegese de Paulo⁴⁶.

1.1.3.

Teorias que consideram o uso das Escrituras de Israel por Paulo não contextual

1.1.3.1.

Teorias que minimizam o valor das Escrituras de Israel no pensamento paulino

Tenta-se explicar ainda as peculiaridades da interpretação que Paulo faz dos textos veterotestamentários, considerando-os como subordinados à sua experiência religiosa. Para P. Garden a centralidade estaria em tal experiência e as Escrituras de Israel, lidas por Paulo em sentido alegórico ou destacando do contexto esta ou aquela palavra, seriam o meio para verbalizá-la:

Quando o grande Apóstolo passa a jogar o resultado da experiência espiritual em forma intelectual, surgem todos os tipos de possibilidades de erro. A grande fonte desses erros é o uso do Antigo Testamento, o qual vem interpretado por ele à maneira dos rabinos do seu tempo, e, portanto, isto não é necessário afirmar, em desacordo com os verdadeiros métodos críticos (...).

Ele não toma, e assim vai além de Filon de Alexandria, os deliciosos contos dos patriarcas como simples histórias, mas considera-os como alegorias e parábolas cheias de um sentido maior. E, além disso, a atenção focada nas palavras da Escritura, a qual veio do estudo cuidadoso destas em escolas rabínicas, o fez debruçar sobre determinadas palavras e produz uma tensão muito estranha aos escritores⁴⁷.

No que diz respeito ao papel secundário das Escrituras de Israel nos escritos paulinos, A. von Harnack vai mais além. Para este, tais Escrituras foram utilizadas por Paulo não como fator constitutivo da sua Teologia, mas como argumento quando, na disputa com seus opositores judaizantes, teve de dar respostas aos seus

⁴⁵ Cf. SILVA, M. *Antico Testamento in Paolo*, p. 62.

⁴⁶ SILVA, M. *Antico Testamento in Paolo*, p. 63.

⁴⁷ PERCY, G. *The Religious Experience of Saint Paul*. New York: G. P. Putnam's Sons, 1913, p. 215.

questionamentos. Prova desse papel subordinado dos textos veterotestamentários seria o fato de que Paulo na sua mais antiga carta, ou seja, 1 Tessalonicenses, a qual não foi escrita no contexto das disputas com os judaizantes, não tenha citado sequer uma vez as Escrituras de Israel⁴⁸.

Também R. Bultmann segue a mesma linha, não considerando o uso dos textos veterotestamentários como algo essencial no pensamento paulino. O objetivo de Paulo, segundo ele, seria simplesmente o anúncio primeiro do evangelho. Para isto utiliza-se da linguagem mitológica e dos símbolos que considera mais compreensíveis aos leitores para alcançar o seu objetivo. Estes, porém, seriam meros instrumentos para anunciar o kerigma, ocupando um lugar secundário e provisório.

As Escrituras de Israel são consideradas por R. Bultmann como tal instrumento, como fonte principal dessa linguagem mitológica e dos símbolos utilizados por ele, e quaisquer elementos da Teologia veterotestamentária que permanecessem nos escritos paulinos não passariam de remanescentes do esforço realizado pelo Apóstolo para tentar expressar a nova realidade com uma linguagem ultrapassada⁴⁹. Desse modo R. Bultmann pode dizer:

Para a fé cristã, o Antigo Testamento não é mais revelação como foi, e continua sendo, para os judeus. Para uma pessoa que permanece na Igreja a história de Israel é um capítulo fechado. O anúncio cristão não pode e não poderia lembrar aos ouvintes que Deus fez sair os seus pais do Egito, e, uma vez que levou o povo para o exílio, os trouxe de volta novamente para a terra da promessa, que ele restaurou Jerusalém e o Templo e assim por diante. A história de Israel não é a nossa história, e assim sendo, como Deus mostrou a sua graça naquela história, essa graça não tem significado para nós. (...) Para nós a história de Israel não é história da revelação. Os eventos que significaram algo para Israel, os quais eram Palavra de Deus, não significam mais nada para nós⁵⁰.

⁴⁸ Cf. HARNACK, A. von. *Das Alten Testament in den paulinischen Briefen und in den paulinischen Gemeinden*. SPAWPH 12 (1928) 124-141.

⁴⁹ Cf. BULTMANN, R. *Theology of the New Testament*. Vol. 1. New York: Scribner's Sons, 1951-1955, pp. 187-352.

⁵⁰ BULTMANN, R. *The Significance of the Old Testament for Christian Faith*. In: Anderson, B. W. (ed.) *The Old Testament and Christian Faith*. New York: Harper & Row, 1964, pp. 31-32.

1.1.3.2.

Teorias que valorizam o papel das Escrituras de Israel no pensamento paulino

Tais ideias expostas por R. Bultmann, não tão raras no protestantismo liberal influenciado pelo embate entre Lei e graça, provocaram reações que polarizaram o debate a respeito da hermenêutica paulina das Escrituras de Israel entre aqueles que minimizaram o seu papel nos escritos do Apóstolo e aqueles que o valorizaram na construção de seu pensamento.

Entre estes últimos destaca-se L. Goppelt, o qual em um primeiro momento exalta a tipologia como método interpretativo mais adequado para que Paulo consiga o seu principal intento, ou seja, a “proclamação do significado universal da redenção trazida por Cristo”. No entanto, o Apóstolo tem também outra finalidade: delinear o papel da Igreja, “novo povo de Deus”, “nova humanidade”, na história da redenção. Perseguindo este segundo fim, afirma que, contrapondo-se assim a R. Bultmann, “a relação da igreja com o Cristo histórico e com a revelação de Deus na Antiga Aliança não pode ser substituída por um mito não histórico e sincrético”. Desse modo, “a tipologia demonstra não só a natureza do novo em comparação com o antigo, mas também demonstra que o novo é fundado diretamente e unicamente na história da redenção”⁵¹.

L. Goppelt, ao contrário de P. Garden, A. von Harnack e R. Bultmann, valoriza sobremaneira o papel das Escrituras de Israel no pensamento de Paulo. No entanto, essa sua leitura que sublinha o caráter tipológico da hermenêutica paulina, a qual sobrepõe ao sentido literal, “histórico” um novo sentido ao texto, faz com que o debate se firme na categoria de uma interpretação não contextualizada das Escrituras.

Outro exemplo dessa postura que, mesmo reconhecendo o valor das Escrituras de Israel na construção do pensamento paulino, não tem como relevante o fato de que Paulo tenha feito leituras dos textos veterotestamentários diversas do seu contexto encontra-se em R. Longenecker. Tratando da discussão sobre se Paulo usa as Escrituras de Israel em sentido literal ou se existe influência do Midrash, afirma que, na maioria de suas citações veterotestamentárias, Paulo apega-se ao

⁵¹ GOPPELT, L. *Typos: The typological interpretation of the Old Testament in the New*. Grand Rapids: Eardmans, 1982, pp. 151-152.

sentido original da passagem. Porém, se ele vai além desse sentido, é possível compreender a razão se lhe são concedidos os pressupostos judaicos da “solidariedade corporativa e correspondências históricas” e os pressupostos cristãos do “cumprimento escatológico e presença messiânica”⁵².

1.1.3.3.

Discussão sobre a influência do rabinismo na interpretação paulina das Escrituras de Israel

Com a exposição do pensamento de R. Longenecker entra-se em outro campo de batalha da discussão sobre a hermenêutica paulina das Escrituras de Israel, ou seja, a influência ou não do rabinismo nos procedimentos hermenêuticos do Apóstolo. Tal discussão tem seu início em 1900, quando H. St.-J. Thackeray defende a seguinte proposição: “Talvez não exista aspecto da teologia paulina em que a influência da formação rabínica do Apóstolo seja tão claramente marcada quanto o uso que ele faz do Antigo Testamento”⁵³.

Para J. Bonsirven existem de fato muitas semelhanças entre a exegese rabínica e a paulina; mas, no entanto, encontra diferenças que considera radicais. As semelhanças estariam na maneira de proceder, a qual teria como origem a formação de Paulo, mas também refletiria a mentalidade do público que este desejava atingir. Como exemplo desse procedimento apresenta o desenvolvimento homilético, as considerações filológicas, os raciocínios expressos ou subentendidos que ligam o texto evocado à proposição a justificar, a análise histórica dos fatos levando em conta a sua cronologia etc.⁵⁴

O ponto de ruptura entre Paulo e a exegese rabínica seria a concepção tipológica, ou seja, o fato de que o Apóstolo encontra um “sensus plenior”⁵⁵ nas Escrituras de Israel, um alcance figurativo velado a partir de sua fé cristã, que lhe

⁵² LONGENECKER, R. N. *Biblical Exegesis in the Apostolic Period*. 2ª ed. Grand Rapids: Eerdmans, 1999, p. 104.

⁵³ THACKERAY, H. St.-J. *Relation of St. Paul to Contemporary Jewish Thought*. London-New York: Macmillan Company, 1900, p. 180.

⁵⁴ Cf. BONSIRVEN, J. *Exégèse Rabbinique et Exégèse Paulinienne*. Paris: Beauchesne, 1939, p. 324.

⁵⁵ “Define-se o sentido pleno como um sentido mais profundo do texto, desejado por Deus, mas não claramente expresso pelo autor humano. Descobre-se sua existência em um texto bíblico quando se estuda esse texto à luz de outros textos bíblicos que o utilizam ou em sua relação com o desenvolvimento interno da revelação”. PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *Interpretação da Bíblia na Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1994, p. 100.

proporciona melhor “compreender e exprimir os tipos que a inspiração divina lhe revelaram sob a letra, a perceber a iluminação espiritual que a transfiguraram por inteira”⁵⁶.

Entre os autores que buscaram confirmar a influência do rabinismo nos escritos paulinos, mostrando paralelos entre a literatura paulina e o judaísmo rabínico, está J.-N. Aletti. Em um estudo sobre Rm 5,12-21⁵⁷ apresenta semelhanças entre o texto paulino e a literatura rabínica. Entre estas semelhanças sobressai a figura oposta a Adão, ou seja, Abraão ou o povo de Israel.

No primeiro momento J.-N. Aletti faz perceber a influência do rabinismo nos vv. 15-19. No Midrash *Sifra Leviticus* que reproduz um texto de certo Rabi José, mas que, por sua vez, poderia ter como fonte uma tradição muito anterior, apresenta uma forte semelhança ao esquema de Rm 5,15-19. Nesse texto encontram-se os seguintes componentes presentes no texto paulino: a) a oposição entre duas figuras; b) a influência de um só homem sobre todos os outros, sua responsabilidade universal pelo bem e pelo mal; c) argumento *a fortiori* (quanto mais, com muito mais razão); d) princípio de superioridade do positivo sobre o negativo⁵⁸:

O Rabi José disse: se queres saber qual recompensa será dada ao justo no futuro, vai e aprende do primeiro homem, ao qual não foi dado senão um só mandamento, uma só coisa a não fazer, e ele transgrediu, vê quantas mortes foram decretadas pelas gerações das gerações até o fim das gerações.

Mas, qual é a medida maior, a da recompensa ou aquela da punição? Responde: aquela da recompensa.

Se a medida da punição é menor, a saber, tantas mortes decretadas para ele e para as gerações das gerações até o fim das gerações, então aquele que abandona a abominação e a idolatria, e se aflige no dia do Kippur, quanto mais comunicará o favor divino a ele e às gerações das gerações até o fim das gerações⁵⁹.

A diferença entre Rm 5,15-19 e este texto, segundo J.-N. Aletti, está no fato de que em Romanos se exclui qualquer forma de retribuição. A ação salvífica de Deus não é uma resposta à obediência da pessoa humana, mas uma iniciativa totalmente gratuita que “a partir de numerosas transgressões resultou em justificação” (Rm 5,16)⁶⁰.

⁵⁶ BONSIRVEN, J. *Exégèse Rabbinique et Exégèse Paulinienne*, p. 324.

⁵⁷ Cf. ALETTI, J.-N. *Romains 5,12-21. Logique, sens et fonction. Biblica* 78.1 (1997) 3-32.

⁵⁸ Cf. ALETTI, J.-N. *Romains 5,12-21. Logique, sens et fonction*, p. 18.

⁵⁹ ALETTI, J.-N. *Romains 5,12-21. Logique, sens et fonction*, p. 19.

⁶⁰ Cf. ALETTI, J.-N. *Romains 5,12-21. Logique, sens et fonction*, p. 20.

No entanto, a tradição judaica não se limitaria a apresentar Adão e sua influência sobre a humanidade: aparece também nos escritos rabínicos a figura oposta, o antítipo de Adão.

A principal personagem apresentada em oposição a Adão é Abraão. O Midrash GenR 14,6 mostra Abraão como o novo homem que reparou o dano causado por Adão⁶¹. O texto aplica uma declaração de Josué (14,15: “o maior homem entre os anaqim”) a Abraão e comenta:

Este é Abraão. Por que ele é chamado “grande”? Porque digno de ser criado antes de Adão, mas o Santo, bendito seja seu nome, diz [a respeito de Adão]: “ele romperá tudo e não existirá ninguém para reparar depois dele, mas, eu criei o primeiro homem, para que, se ele rompe tudo, vem Abraão e repara depois dele⁶².”

Por sua vez o Midrash GenR 19,9.2; 24,5.2-3 vê em Israel a figura oposta a Adão. Este desobedece ao comando divino, Israel ama e segue a Torah, através da qual acede à vida divina. A Torah é o antídoto ideal para os efeitos do pecado de Adão⁶³.

Por sua vez, R. Longenecker fala de uma proeminência dos métodos exegéticos midráshicos nas cartas paulinas, os quais caracterizariam os procedimentos hermenêuticos do Apóstolo muito mais que a exegese alegórica ou a *pesher*. Para ele, quando Paulo trata da questão dos judaizantes ou de outras questões que têm matizes judaicas, usa na maioria das vezes a exegese midráshica com a argumentação *ad hominem*. Porém, mesmo quando as questões sobre as quais discorre não têm ligação com o judaísmo, os seus “padrões básicos de pensamento” e os seus “procedimentos de interpretação” seriam os do farisaísmo do I séc.⁶⁴.

No entanto, para R. Hays, seria um anacronismo não levar em conta a possibilidade de uma profunda descontinuidade entre o judaísmo anterior e posterior aos acontecimentos do ano 70 e do ano 135 d.C., chegando a afirmar que seria muito mais útil usar Paulo como uma fonte histórica para o estudo das tradições rabínicas do que o contrário, quando aquele as antecede⁶⁵.

Além disso, segundo R. Hays, ao se investigar a dependência de Paulo da exegese midráshica, seria necessário ter presente o fato de que o judaísmo rabínico

⁶¹ Cf. ALETTI, J-N. *Romains 5,12-21. Logique, sens et fonction*, p. 23.

⁶² ALETTI, J-N. *Romains 5,12-21. Logique, sens et fonction*, p. 23.

⁶³ Cf. ALETTI, J-N. *Romains 5,12-21. Logique, sens et fonction*. p. 19.

⁶⁴ Cf. LONGENECKER, R. N. *Biblical Exegesis in the Apostolic Period*, p. 109.

⁶⁵ Cf. HAYS, R. B. *Echoes of Scripture in the Letters of Paul*. Yale: Yale University Press, 1989, p. 11.

e o cristianismo primitivo, como também a comunidade de Qumran e o judaísmo escolástico alexandrino de Fílon, são diferentes adaptações de uma mesma herança religiosa e cultural que tem as Escrituras de Israel como fonte e como base da autoridade de suas diferentes elaborações teológicas. Para se afirmar uma possível dependência entre essas diversas correntes, seria necessário demonstrá-la de forma documental em cada caso particular⁶⁶.

Também para M. Silva, as semelhanças entre os escritos paulinos e o rabinismo posterior provêm simplesmente do fato de Paulo trazer os traços da cultura judaica, cultura esta que será o ponto de partida para o desenvolvimento do judaísmo rabínico⁶⁷. Por isso é de fundamental importância o conhecimento das técnicas de exegese judaicas do I séc. para uma compreensão adequada do uso paulino das Escrituras de Israel. No entanto, considera problemático ter como base o estudo do rabinismo posterior para a compreensão dos escritos paulinos, sendo que as evidências que este estudo poderia fornecer seriam somente indiretas e ilustrativas⁶⁸.

1.1.4.

Teorias que defendem um uso contextual das Escrituras de Israel por Paulo

Para introduzir a exposição, apresenta-se o pensamento de P. Eisenbaum, judia estudiosa dos escritos paulinos, a qual deu uma grande contribuição para a compreensão da relação entre Paulo e os textos veterotestamentários. Criticando a tradução de *Torah* por *nómos* compreendida simplesmente como código legal, não como o conjunto das Escrituras dos hebreus e os erros que disto derivam, ela afirma que:

Os judeus da antiguidade, incluindo os de língua grega como Paulo, consideram a *Torah* como aquilo que constitui a suma da revelação de Deus a seu povo. É importante que o leitor atual tenha isto em sua mente ao ler as cartas de Paulo. O fato de que praticamente todas as versões traduzem *nómos* por “lei”, pode induzir os leitores ao erro de pensar que Paulo usa o termo referindo-se somente à lei mosaica ou às “partes legais” de um Antigo Testamento moderno (...). Este erro pode induzir a erros maiores e a graves interpretações equivocadas de Paulo.

⁶⁶ Cf. HAYS, R. B. *Echoes of Scripture in the Letters of Paul*, p. 11.

⁶⁷ Cf. SILVA, M. *Antico Testamento in Paolo*. In: Hawthorne, G. F. - Martin, R. P. - Reid, D. G. *Dizionario di Paolo e delle sue lettere*, Milano: San Paolo, 1999, p. 70.

⁶⁸ Cf. SILVA, M. *Antico Testamento in Paolo*, p. 70.

Um desses maiores erros consiste em pensar que Paulo, como seguidor de Jesus Cristo, não tinha a Torah na mesma alta estima que os fariseus e outros judeus eruditos. Não se trata de que Cristo seja necessariamente concebido como a antítese da Torah (ainda que esta foi a opinião de muitos cristãos), mas de que Cristo substituiu a Torah. (...). Deste modo, os leitores supõem que a Escritura judia já se tinha convertido efetivamente para Paulo no “Antigo Testamento”, em um *corpus* despojado de autoridade pela vinda de Cristo. Sua única finalidade é apontar a Jesus como Cristo.

Contudo, nada mais longe da realidade. Paulo trata sempre os textos sagrados com veneração e respeito, e recorre frequentemente a eles como fonte dotada de autoridade divina.⁶⁹

Esta esclarecedora contribuição para o entendimento do pensamento de Paulo traz uma série de pressupostos evidenciados pelos autores que defendem o fato de ele ter feito um uso das Escrituras de Israel que levou em consideração o seu contexto.

C. Kaiser, partindo da afirmação de Paulo a respeito dos eventos narrados nas Escrituras de Israel em 1Cor 10,6: “Estas coisas aconteceram em tipos para nós”, defende a unidade entre os dois Testamentos. Para ele a principal função da leitura tipológica utilizada por Paulo é de dar uma perspectiva teológica para a leitura dos textos veterotestamentários. Tal leitura está baseada no fato de que o mesmo plano divino perpassa ambos os Testamentos e tem como pressuposto um propósito que se apresenta na história, a qual se desenrola em uma unidade “autoconsistente” ao longo, também, dos dois Testamentos. Portanto, a base da leitura tipológica não se encontra em pressupostos de ordem mística ou subjetiva como afirmaram alguns autores⁷⁰.

M. Silva vai mais além: o uso que Paulo faz das Escrituras de Israel ao apresentar a obra de Cristo é fruto de um estudo “sério, metucioso e exaustivo” das mesmas. Tal estudo vem conduzido não só pelo significado histórico do texto sagrado, mas também pela sua autoridade divina, pela necessidade de sua atualização, pela força das associações literárias e por uma concepção cristológica da história da salvação⁷¹. Sublinha ainda o caráter prático do uso paulino das Escrituras. Este tem por finalidade atender a necessidades de um novo contexto e

⁶⁹ EISENBAUM, P. *Pablo no fue cristiano. El mensaje original de un apóstol mal entendido*. Navarra: Verbo Divino, 2014, pp. 270-271.

⁷⁰ Cf. KAISER, W. C. *The use of the Old Testament in the New*. Chicargo: Moody, 1985, pp. 120-121.

⁷¹ Cf. SILVA, M. *Antico Testamento in Paolo*, p. 76.

para isso o escrito mais antigo vem transferido para um mais recente, adquirindo novos significados sob a responsabilidade de quem realizou tal processo⁷².

1.1.5.

Da “nova perspectiva” sobre Paulo ao uso da intertextualidade

Dentre os muitos estudos sobre o ambiente cultural e religioso do Apóstolo realizados nos últimos tempos, se sobressaem os elaborados por E. P. Sanders⁷³ e J. D. G. Dunn⁷⁴, os quais foram responsáveis pelo surgimento e a difusão daquilo que foi chamado de “nova perspectiva” sobre Paulo.

A problemática que esta abordagem tenta superar diz respeito a um suposto erro de compreensão do judaísmo contemporâneo a Paulo e de como este se relaciona com aquele nas suas cartas. Tal problemática vem sintetizada por J. D. G. Dunn da seguinte maneira:

O problema é a maneira como Paulo foi entendido como o grande expoente da doutrina central da Reforma, da justificação pela fé. (...). Ao longo dos séculos e num grau notável e efetivamente alarmante, o retrato padrão do judaísmo rejeitado por Paulo tem sido um reflexo da hermenêutica de Lutero. Vemos a extrema gravidade disso para a pesquisa do Novo Testamento quando lembramos que os dois estudiosos mais influentes do Novo Testamento nas duas gerações passadas, Rudolf Bultmann e Ernst Käsemann, ambos leram Paulo através de lentes luteranas e ambos fizeram dessa compreensão da justificação pela fé seu princípio teológico central. E a mais recente abordagem completa dessa área da teologia paulina, sobre Paulo e a Lei, ainda continua a trabalhar com a imagem de Paulo como alguém que rejeitava a tentativa pervertida de usar a Lei como um meio de ganhar a justiça por boas obras⁷⁵.

A grande contribuição dessa nova perspectiva foi purificar Paulo de uma série de preconceitos enraizados entre os estudiosos, proporcionando uma nova luz para a compreensão do seu pensamento, da relação do Apóstolo com as Escrituras de Israel e, conseqüentemente, do uso que faz delas em suas cartas.

Porém, N. T. Wright salienta que nessa “nova perspectiva” tem-se dado ultimamente muita atenção à dimensão narrativa do pensamento paulino, graças à contribuição de R. Hays⁷⁶.

⁷² Cf. SILVA, M. *Antico Testamento in Paolo*, p. 72.

⁷³ Cf. SANDERS, E. P. *Paul and Palestinian Judaism*. Philadelphia: Fortress Press, 1977.

⁷⁴ Cf. DUNN, J. D. G. *A Nova Perspectiva sobre Paulo*. Santo André: Academia Cristã - São Paulo: Paulus, 2011.

⁷⁵ DUNN, J. D. G. *A Nova Perspectiva sobre Paulo*, pp. 159-160.

⁷⁶ Cf. WRIGHT, N. T. *Paulo - Novas Perspectivas*. São Paulo: Loyola, 2009, p. 24.

N. T. Wright faz perceber que para R. Hays as alusões existentes nos escritos de Paulo não seriam mera ornamentação literária: fazem parte do seu interesse central, o qual é anunciar que a morte e a ressurreição de Cristo são um novo capítulo da história que acreditava estar vivendo, e que a compreensão do sentido dessa história proporciona a pista principal para entender tudo o mais que Paulo diz, inclusive as questões sobre a justificação e a Lei⁷⁷.

Segundo esta “nova perspectiva” a literatura judaica está impregnada de “certas histórias controladoras” (Abraão, Êxodo), e bastaria “uma breve alusão a uma dessas histórias” para demonstrar “que devemos entender toda a narrativa como pairando sobre a história primitiva”. Esse fenômeno também aconteceria na literatura paulina, de modo que “quando encontramos as mesmas histórias em Paulo, não somos simplesmente convidados, mas obrigados a segui-las e deixar a descoberto o mundo da narrativa”⁷⁸.

O precursor dessa nova abordagem foi C. H. Dodd que no livro *Segundo as Escrituras – Estrutura fundamental do Novo Testamento* fala de um método que fazia parte da “bagagem cultural dos evangelistas e mestres cristãos”⁷⁹, o qual consistia em fazer a seleção de passagens extensas da Escritura consideradas em seu conjunto. Assim, quando se citava um versículo ou frase desses blocos se remetia o leitor a todo o contexto, já que “é o conjunto global que é visado e constitui a base da demonstração”⁸⁰. Além disso, para C. H. Dodd, as Escrituras selecionadas, por exporem o “plano preestabelecido por Deus” realizado nos acontecimentos evangélicos, determinaram o sentido desses acontecimentos⁸¹.

Também R. Hays na sua tese doutoral sobre a Carta aos Gálatas, discorrendo sobre como Paulo responde aos problemas pastorais que aparecem em suas cartas, afirma que “a estrutura do pensamento de Paulo não é constituída por um sistema de doutrina, nem pela sua experiência religiosa pessoal, mas por uma ‘história sagrada’, uma subestrutura narrativa”⁸². Chama a atenção para a existência nos escritos paulinos de alusões ou recapitulações dessa história sagrada, a qual

⁷⁷ Cf. WRIGHT, N. T. *Paulo - Novas Perspectivas*, p. 26.

⁷⁸ WRIGHT, N. T. *Paulo - Novas Perspectivas*, p. 24.

⁷⁹ DODD, C. H. *Segundo as Escrituras - Estrutura Fundamental do Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1979. p. 125.

⁸⁰ DODD, C. H. *Segundo as Escrituras - Estrutura Fundamental do Novo Testamento*, p. 125.

⁸¹ Cf. DODD, C. H. *Segundo as Escrituras - Estrutura Fundamental do Novo Testamento*, p. 126.

⁸² HAYS, R. *The Faith of Jesus Christ. The Narrative Substructure of Galatians 3:1-4:11*. 2ª ed. Grand Rapids: Eerdmans, 2002, p. 6.

funciona como um parâmetro que rege a lógica da argumentação de Paulo e sem a qual não se pode compreender suas cartas⁸³.

Partindo desses pressupostos, R. Hays no seu livro *Echos of Scripture in the Letters of Paul* de 1989 passa a estudar a relação entre Antigo e Novo Testamento a partir de uma abordagem que até aquele momento não havia sido utilizada no estudo bíblico: a intertextualidade.

Tal termo teve em J. Kristeva a pioneira na sua utilização. Para a autora, o texto deve ser entendido como um sistema aberto, um conjunto de enunciados tomados de outros textos que se cruzam e se relacionam, pois “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um em outro texto”⁸⁴.

A abordagem intertextual tornou-se mais conhecida nos círculos dos estudos literários por meio de J. Hollander, o qual teve grande influência no pensamento de R. Hays. Para J. Hollander na intertextualidade é essencial a atividade do leitor, ao qual caberia escutar os ecos em uma “caverna de significados ressonantes”, ou seja, escutar os ecos dos textos mais antigos ao ler um texto mais recente⁸⁵.

Segundo R. Hays, o eco intertextual⁸⁶ seria o elemento mais expressivo da correspondência entre o texto mais antigo e o mais novo. A função alusiva de um eco produziria um enorme efeito no leitor sugerindo-lhe que o texto B deveria ser compreendido à luz do texto A, o qual, por sua vez, abrange aspectos que vão mais além daqueles que explicitamente ecoou⁸⁷.

Deste modo, se está diante de uma figura de linguagem: a metalepse, a qual “coloca o leitor dentro de um campo de correspondências sussurradas ou não declaradas” e cuja interpretação depende da identificação do texto mais antigo utilizado no mais recente⁸⁸.

⁸³ Cf. HAYS, R. *The Faith of Jesus Christ. The Narrative Substructure of Galatians 3:1-4:11*. pp. 5-6.

⁸⁴ KRISTEVA, J. *Introdução à semanálise*. São Paulo: Perspectiva, 2005, p. 68.

⁸⁵ Cf. HOLLANDER, J. *The Figure of Echo. A Mode of Allusion in Milton and after*. Berkeley-Los Angeles-London: University of California Press, 1981, p. 65.

⁸⁶ Neste trabalho serão usadas as definições de eco, alusão e citação propostas por BEALE, G. K. *Handbook on the New Testament Use of the Old Testament*, pp. 29-32, as quais têm as suas especificidades em relação àquela de eco intertextual, a qual engloba os três graus de referências definidos por G. K. Beale, proposta por HAYS, R. B. *Echoes of Scripture in the Letters of Paul*. Yale: Yale University Press, 1989, p. 20.

⁸⁷ Cf. HAYS, R. B. *Echoes of Scripture in the Letters of Paul*, p. 20.

⁸⁸ Cf. HAYS, R. B. *Echoes of Scripture in the Letters of Paul*, p. 20.

Assim sendo, “teríamos grande dificuldade para entender Paulo, o judeu piedoso do primeiro século, se não situássemos o seu discurso de modo apropriado naquilo que Hollander chamou de ‘caverna de significado ressonante’ que o envolve, ou seja, as Escrituras”⁸⁹.

1.1.6.

Conclusão

Conclui-se este item expondo alguns pressupostos metodológicos postulados por J. B. Green e R. Hays como condição para se escutar de modo apropriado os “ecos intertextuais”, os quais foram, em parte, debatidos nos itens precedentes. Por serem assumidos por G. K. Beale na sua metodologia⁹⁰ e pela sua importância para uma adequada aproximação no que se refere ao uso das Escrituras de Israel nos escritos paulinos, devem ser levados em conta na elaboração deste trabalho:

- a) No primeiro século do cristianismo, quando se falava de Escrituras não se estava referindo simplesmente ao texto hebraico, já que para muitos cristãos daquele período as Escrituras de Israel não eram em hebraico e os escritores do Novo Testamento citavam com muito mais frequência a Septuaginta⁹¹.
- b) Além disso, deve-se ter presente os Targumim, versões aramaicas, que eram muitas vezes paráfrases, e, até mesmo, interpretações das Escrituras de Israel utilizadas para o ensino nas sinagogas, as quais com o tempo foram fixadas e assumiram a forma escrita. É possível que os escritores do Novo Testamento também usassem essas versões⁹².
- c) Por fim, a Escritura não foi recebida por Paulo a vácuo: deve-se levar em conta as várias tradições interpretativas conhecidas e utilizadas no seu tempo⁹³.

⁸⁹ HAYS, R. B. *Echoes of Scripture in the Letters of Paul*, p. 21.

⁹⁰ BEALE, G. K. *Handbook on the New Testament Use of the Old Testament – Exegesis and Interpretation*. Grand Rapids: Baker Academic, 2012.

⁹¹ Cf. HAYS, R. B. - GREEN, J. B. *The Use of the Old Testament by New Testament Writers*. In: Green, J. B. (ed.). *Hearing the New Testament - Strategies for Interpretation*. 2ª ed. Grand Rapids: Eerdmans, 2010, p. 124.

⁹² Cf. HAYS, R. B. - GREEN, J. B. *The Use of the Old Testament by New Testament Writers*, pp. 124-125.

⁹³ Cf. HAYS, R. B. - GREEN, J. B. *The Use of the Old Testament by New Testament Writers*, p. 130.

1.2.

Delimitações do tema

As referências a Gn 3 em Rm 5,12-21 foram muito debatidas na história da exegese; no entanto as referências a Is 52,13-53,12 não foram aprofundadas e não se chegou a um consenso sobre tais referências o que abre a possibilidade de investigação.

Portanto, esta pesquisa pretende aprofundar a relação entre Rm 5,12-21 e Is 52,13-53,12 com especial referência aos efeitos de sentido produzidos pela alusão ao texto precursor e pelo seu contexto no texto neotestamentário.

Em vista disto é necessário, de um lado, contextualizar o uso que Paulo faz das Escrituras de Israel no ambiente das práticas exegéticas e das tradições interpretativas judaicas do primeiro século, e de outro, em um estudo crítico-literário, fazendo uso da abordagem intertextual, tentar ouvir melhor os significados produzidos pelos efeitos de sentido do texto precursor, para uma compreensão mais adequada do uso das Escrituras de Israel por Paulo na construção do paralelismo antitético que constitui a estrutura do texto. Para isso se utilizará a metodologia proposta por G. K. Beale, a qual leva em conta todos esses aspectos da análise sincrônica e diacrônica.

1.3.

Hipótese a ser investigada

Poucos autores mencionaram as relações intertextuais entre Rm 5,12-21 e Is 52,13-53,12, e os que o fizeram não aprofundaram suficientemente tal relação, de modo que a Tese pretende cobrir essa lacuna e, além disso, estudar a possibilidade de relacionar o texto paulino em questão com a ideia de um novo êxodo presente no Dêutero-Isaías, contexto literário do “Quarto Cântico do Servo”, a qual está interligada àquela da nova criação.

Tendo em mãos os resultados da primeira etapa da investigação, pretende-se estudar a relação de *synkrisis* entre a tradição da “queda” ocasionada pela desobediência de “um só” (cf. Rm 5,15.16.17.18.19) e de suas consequências para os “muitos”, e a tradição do Servo sofredor que com seu conhecimento “justificará

a muitos” (Is 53,11), reconciliando a multidão com Deus, possibilitando a toda a humanidade um novo êxodo do pecado para a graça e realizando assim a nova criação.

Pretende-se, ainda, nesta pesquisa verificar as contribuições que uma maior valorização das alusões a Is 52,13-53,12 em Rm 5,12-21 possa trazer, não somente aos Estudos Bíblicos, mas também à Antropologia Teológica, sendo esse texto tão importante aos debates nessa área da Teologia.

1.4.

Objetivos do Estudo

Este trabalho apresenta como objetivos os seguintes tópicos:

- a) Dar uma contribuição para a leitura de Rm 5,12-21 a partir do aprofundamento do estudo das suas relações intertextuais com Is 52,13-53,13. Tal aprofundamento lançaria uma nova luz que contribuiria para a compreensão da perícopa paulina.
- b) Estudar a relação entre as referências a Is 52,13-53,12 e aquelas a outros textos veterotestamentários na construção da argumentação paulina em Rm 5,12-21, tendo como escopo uma compreensão mais completa e adequada da síntese realizada por Paulo.
- c) Aplicar o Método para o estudo das relações intertextuais proposto por G. K. Beale, ainda pouco conhecido e utilizado nos meios acadêmicos.

1.5.

Definições

Como pressuposto à exposição das etapas metodológicas a serem seguidas, é importante ter-se uma definição de citação, alusão e eco. Por uma questão de coerência metodológica utilizar-se-ão as definições formuladas por G. K. Beale em seu *Handbook on the New Testament Use of the Old Testament – Exegesis and Interpretation*.

A citação “é uma reprodução direta de uma passagem do Antigo Testamento, a qual é facilmente reconhecida por um claro e único paralelismo

verbal”⁹⁴. No caso de Paulo, discute-se se ele adapta os textos citados utilizando seu próprio vocabulário ou se os reproduz literalmente. Segundo G. K. Beale, o Apóstolo, de acordo com a circunstância, age de uma ou de outra forma. No entanto, chama a atenção para toda a problemática que envolve o uso das Escrituras por Paulo e as questões de crítica textual⁹⁵.

A alusão pode ser definida como “uma expressão breve conscientemente pretendida por um autor para ser dependente de uma passagem do Antigo Testamento”⁹⁶. À diferença da citação, a alusão traz uma referência indireta, ou seja, a forma textual das Escrituras de Israel não é reproduzida diretamente como na citação.

Segundo G. K. Beale, alguns acreditam que para se ter uma alusão é necessário que esta consista na reprodução de uma passagem das Escrituras de Israel em uma combinação única de no mínimo três palavras. Mas, é possível que um número menor de palavras ou mesmo uma ideia possa constituir uma alusão⁹⁷.

No entanto, o critério chave para se discernir uma alusão é que se reconheça nela “um paralelismo incomparável ou único de redação, sintaxe, conceito ou um conjunto de motivos na mesma ordem ou estrutura”⁹⁸. Quando estão presentes em um texto os aspectos da coerência verbal e temática, a alusão ganha maior probabilidade⁹⁹.

Segundo G. K. Beale, pode parecer sem utilidade fazer uma distinção entre eco e alusão, primeiro porque muitos estudiosos utilizam tais expressões como sinônimos. Em segundo lugar, para aqueles que fazem uma distinção qualitativa entre um e outro termo, o eco conteria menos volume do texto veterotestamentário ou menos coerência verbal, sendo meramente “uma referência sutil ao Antigo Testamento que não é tão clara quanto a alusão”¹⁰⁰.

⁹⁴ BEALE, G. K. *Handbook on the New Testament Use of the Old Testament*, p. 29.

⁹⁵ Cf. BEALE, G. K. *Handbook on the New Testament Use of the Old Testament*, p. 30.

⁹⁶ BEALE, G. K. *Handbook on the New Testament Use of the Old Testament*, p. 30.

⁹⁷ Cf. BEALE, G. K. *Handbook on the New Testament Use of the Old Testament*, p. 31.

⁹⁸ BEALE, G. K. *Handbook on the New Testament Use of the Old Testament*, pp. 31.

⁹⁹ Cf. BEALE, G. K. *Handbook on the New Testament Use of the Old Testament*, pp. 31-32.

¹⁰⁰ BEALE, G. K. *Handbook on the New Testament Use of the Old Testament*, p. 32.

1.6.

Metodologia

A Metodologia empregada para a pesquisa terá como base os pressupostos metodológicos de R. Hays e J. B. Green¹⁰¹, mas, sobretudo a proposta metodológica de G. K. Beale que, assumindo as intuições de R. Hays e C. H. Dodd, publicou o livro *Handbook on the New Testament Use of the Old Testament – Exegesis and Interpretation*, no qual oferece etapas bem definidas para o estudo da relação entre textos vétero e neotestamentários¹⁰².

Opta-se por essa Metodologia, principalmente porque leva em consideração os pressupostos acima citados, os quais são indispensáveis para uma adequada aproximação intertextual dos escritos paulinos, ou seja, a compreensão mais abrangente de “Escrituras” que se tinha no I séc., as quais não se limitavam a um texto hebraico uniforme. O texto e o cânon das Escrituras de Israel nesse período ainda não estavam totalmente fixados, devendo-se levar em consideração as diversas formas textuais e versões utilizadas na época, além dos vários métodos e tradições interpretativas contemporâneas ao Apóstolo, as quais o podem ter influenciado¹⁰³.

Esta nova aproximação intertextual pode aportar para a compreensão da perícopos elementos de grande interesse, pois traz à luz não só o contexto literário de Paulo, mas também dos seus leitores, o que é fundamental para a compreensão da relação intertextual¹⁰⁴.

Deste modo, o emprego de tal Metodologia que, mesmo partindo de pressupostos que privilegiam os aspectos diacrônicos da pesquisa não transcura aqueles sincrônicos, busca ser uma contribuição original para o estudo intertextual,

¹⁰¹ Cf. HAYS, R. B. – GREEN, J. B. *The Use of the Old Testament by New Testament Writers*, p. 130-132.

¹⁰² Cf. BEALE, G. K. *Handbook on the New Testament Use of the Old Testament*, pp. 41-54. Exemplo da aplicação dessa proposta metodológica tem-se na Tese de B. J. Abasciano, o qual baseou-se nas anotações das aulas do curso NT 293 - “Old Testament in the New” ministradas por G. K. Beale no Gordon-Conwell Theological Seminary em 1994. Cf. ABASCIANO, B. J. *Paul’s Use of the Old Testament in Romans 9:1-9: An Intertextual and Theological Exegesis*. Ph.D Dissertation. University of Aberdeen, 2004, n. 42, p. 14.

¹⁰³ Cf. HAYS, R. B. - GREEN, J. B. *The Use of the Old Testament by New Testament Writers*, pp. 123-125.130-132.

¹⁰⁴ Cf. HAYS, R. B. *Echoes of Scripture in the Letters of Paul*, p. 20.

sendo que esta proposta metodológica ainda é pouco utilizada no estudo bíblico. Seguem-se os passos metodológicos propostos por G. K. Beale.

1.6.1.

Identificação e validação de alusões ou citações de Is 52,13-53,12 em Rm 5,12-21

No primeiro momento, buscar-se-á identificar a referência veterotestamentária no texto neotestamentário e determinar se é uma citação ou uma alusão¹⁰⁵. Sendo uma alusão é necessário validá-la através da aplicação dos seguintes critérios propostos por R. Hays¹⁰⁶ e retomados por G. K. Beale¹⁰⁷:

a) Disponibilidade

A fonte (texto escriturístico grego ou hebraico) deveria ser disponível ao escritor. No entanto, este deveria presumir que a fonte também fosse conhecida pelos leitores, de modo que em uma primeira ou subsequente leitura reconhecessem a alusão.

b) Volume

O segundo critério preocupa-se com o grau de repetição de palavras ou padrões sintáticos no texto precursor e na alusão neotestamentária. Porém, outros fatores podem ser relevantes: a importância do texto veterotestamentário no conjunto das Escrituras de Israel e a ênfase que Paulo dá à alusão no seu discurso.

c) Recorrência

É necessário analisar a existência de referências ao texto aludido ou ao contexto veterotestamentário do qual a alusão deriva no contexto imediato, no mais amplo ou em outro escrito do autor. Quando isto acontece, torna-se evidente que Paulo considera a passagem ou o seu contexto veterotestamentário de particular importância.

¹⁰⁵ Tendo-se convicção de que somente ocorrem alusões a textos veterotestamentários e nunca citações diretas em Rm 5,12-21, empregar-se-á na descrição da Metodologia somente o termo alusão.

¹⁰⁶ Cf. HAYS, R. B. *Echoes of Scripture in the Letters of Paul*. pp. 29-32.

¹⁰⁷ Cf. BEALE, G. K. *Handbook on the New Testament Use of the Old Testament*, p. 33.

d) Coerência Temática

Deve-se verificar neste ponto se a suposta alusão se adapta à linha argumentativa desenvolvida por Paulo e se ajuda a esclarecer o seu pensamento. É o seu significado consonante com outras alusões ou citações, na mesma carta ou em outro lugar no corpus paulino? As imagens ou ideias do texto proposto como precursor podem iluminar a argumentação?

e) Plausibilidade histórica

Analisa-se neste critério a possibilidade de Paulo ter intencionado usar tal alusão para conseguir um determinado efeito de sentido ressonante e de os leitores do I séc. d. C. terem percebido o seu uso em graus variados, sobretudo nas leituras posteriores de suas cartas. Além disso, a existência na literatura judaica do mesmo uso que Paulo faz das Escrituras de Israel pode aumentar a legitimidade da alusão.

f) História da interpretação

A partir de uma revisão histórica da interpretação da passagem neotestamentária, determinar se outros leitores foram capazes de perceber as mesmas referências que teriam percebido os contemporâneos do escrito. Este critério raramente poderia ser utilizado como teste para excluir supostas alusões que evidentemente são de contextos diferentes.

g) Satisfação

Com ou sem uma clara confirmação dos seis critérios anteriores a respeito da suposta alusão e da sua interpretação, deve-se perguntar se faz sentido a sua utilização no seu contexto imediato, se o esclarece e se aumenta o vigor retórico da argumentação. Ela consegue de modo satisfatório fazer com que o leitor se dê conta do efeito produzido pela relação intertextual?

1.6.2.

Análise do contexto amplo do Novo Testamento no qual a alusão do Antigo ocorre

Neste ponto procurar-se-á identificar o contexto histórico do escrito no qual ocorre a referência ao texto das Escrituras de Israel, assim como o contexto literário da perícopa onde a alusão se encontra.

Na perspectiva do contexto histórico, é necessário identificar a intenção que levou o autor a redigir o escrito neotestamentário, a sua finalidade, quem foram os destinatários e o contexto histórico desses destinatários e do próprio autor.

No que diz respeito ao contexto literário deve-se dar particular atenção ao modo como a perícopa na qual ocorre a referência às Escrituras de Israel se adapta à argumentação desenvolvida por Paulo no seu contexto imediato, e como este contexto, por sua vez, se adapta à estrutura da carta¹⁰⁸.

1.6.3.

Análise do contexto veterotestamentário amplo e imediato da alusão

Aqui se pretende analisar o contexto amplo e o imediato da alusão no texto hebraico. Ainda que Paulo tenha utilizado bem mais a Septuaginta, prefere-se partir do hebraico para uma primeira análise, pois este é a gênese da tradição textual. Pode-se assim interpretar as Escrituras de Israel no seu próprio hùmus, no seu contexto histórico e teológico, sem deixar que o texto do Novo Testamento influencie a interpretação¹⁰⁹.

Deve-se realizar o mesmo procedimento feito com o texto neotestamentário no que diz respeito ao seu contexto, no entanto, agora com o contexto amplo e imediato de onde Paulo retirou a alusão ao texto veterotestamentário.

Faz-se necessário ainda determinar como a parte aludida se encaixa na estrutura argumentativa da perícopa de onde foi retirada. Para isto é necessário um estudo exegético da perícopa onde a referência veterotestamentária se encontra, empregando-se para isto os recursos da metodologia da exegese¹¹⁰.

¹⁰⁸ Cf. BEALE, G. K. *Handbook on the New Testament Use of the Old Testament*, pp. 43-44.

¹⁰⁹ Cf. BEALE, G. K. *Handbook on the New Testament Use of the Old Testament*, p. 44.

¹¹⁰ Cf. BEALE, G. K. *Handbook on the New Testament Use of the Old Testament*, p. 44.

Deve-se determinar, por fim, se existe alguma relação literária e histórica da alusão com outros textos das Escrituras de Israel¹¹¹. Para isso, é necessário realizar-se uma análise do contexto histórico da perícopé, de modo a determinar o período histórico e redentivo da passagem, e assim poder relacioná-la com os períodos anteriores e posteriores da história da redenção nas Escrituras de Israel¹¹².

1.6.4.

Análise das tradições interpretativas

Nesta etapa da pesquisa procurar-se-á analisar se e como o texto aludido foi interpretado pelo judaísmo anterior e posterior. No caso dos textos de Is 52,13-53,12, aludidos em Romanos 5,12-21, se deverá analisar textos da Literatura Apócrifa (Parábolas de Henoc, Jubileus, 4 Esdras), o Targum de Isaías, os Escritos do Mar Morto (Hodayot, Regra da Guerra) e a Literatura Rabínica (Ruth Rabbah, Sanhedrin, Sifrá Levítico, Seder Eliyyahu Rabbah) que fazem menção à perícopé isaiana. Isso pode ajudar a perceber se e como Paulo interage com as tradições exegéticas judaicas do primeiro século. Este estudo contextualiza a interpretação de Paulo, um judeu que teve o seu modo de interpretar as Escrituras forjado pela formação que recebeu¹¹³. Um problema que aqui se poderia apresentar diz respeito à análise do material rabínico redigido depois do Novo Testamento. No entanto, deve-se levar em conta que esse material reflete tradições contemporâneas ou até anteriores ao Novo Testamento¹¹⁴.

1.6.5.

Comparação Textual

A alusão nesta etapa será comparada com fontes textuais das Escrituras de Israel disponíveis, tais como o Texto Massorético, a Septuaginta e, se houver, com as citações anteriores para determinar se essa alusão de Paulo depende de alguma delas na sua forma textual. Tem-se que levar em conta também que comumente os

¹¹¹ Cf. BEALE, G. K. *Handbook on the New Testament Use of the Old Testament*, pp. 44-46.

¹¹² Cf. BEALE, G. K. *Handbook on the New Testament Use of the Old Testament*, p. 44.

¹¹³ Cf. BEALE, G. K. *Handbook on the New Testament Use of the Old Testament*, pp. 46-48.

¹¹⁴ Cf. ABASCIANO, B. J. *Paul's Use of the Old Testament in Romans 9:1-9: An Intertextual and Theological Exegesis*, pp. 16-17.

autores davam sua própria interpretação, parafraseando as fontes de acordo com convenções literárias. Porém, pelo fato de que o texto hebraico e a Septuaginta nos tempos de Paulo ainda não estivessem totalmente padronizados, deve-se ter muito cuidado em concluir que Paulo alterou o texto¹¹⁵.

1.6.6.

Uso da alusão veterotestamentária na perícope neotestamentária

Levando-se em conta o ponto de vista de Paulo, perguntar-se-á como este utilizou a alusão às Escrituras de Israel no texto neotestamentário estudado, observando-se a interação entre ele e o texto veterotestamentário, entre o antigo e o novo contexto. Para isto serão considerados três aspectos da utilização da alusão na perícope estudada:

a) *Análise do uso hermenêutico*

É necessário fazer um aprofundamento do estudo exegético da perícope neotestamentária, na qual a alusão se encontra, e procurar perceber qual a importância desta para a argumentação na perícope¹¹⁶. Além disso, deve-se determinar se a alusão foi utilizada em outras perícopes do Novo Testamento e fazer um estudo comparativo desse uso.

Conclui-se este ponto da pesquisa, procurando-se identificar os pressupostos da interpretação que Paulo dá ao texto veterotestamentário. Deve-se determinar que uso hermenêutico faz deste texto¹¹⁷, ou seja, se para ele a alusão constitui uma analogia, um direto cumprimento de profecia, uma tipologia ou outra forma de uso¹¹⁸.

¹¹⁵ Cf. BEALE, G. K. *Handbook on the New Testament Use of the Old Testament*, pp. 49-50; ABASCIANO, B. J. *Paul's Use of the Old Testament in Romans 9:1-9: An Intertextual and Theological Exegesis*, pp. 14-15.

¹¹⁶ Cf. BEALE, G. K. *Handbook on the New Testament Use of the Old Testament*, pp. 50-51.

¹¹⁷ Cf. BEALE, G. K. *Handbook on the New Testament Use of the Old Testament*, pp. 50-52.

¹¹⁸ As possibilidades de uso hermenêutico das Escrituras de Israel pelos escritores do Novo são apresentadas por G. K. Beale em *Handbook on the New Testament Use of the Old Testament*, pp. 55-93.

b) Análise do significado teológico

Aqui se deve estar atento aos pressupostos e implicações teológicas da interpretação que Paulo faz da Escritura, ao sentido teológico produzido pela alusão e a qual área da Teologia o uso do Antigo pelo Novo Testamento trouxe a sua contribuição¹¹⁹.

c) Análise do uso retórico

Qual foi a finalidade de Paulo ao utilizar aquela citação ou alusão veterotestamentária? O estudo do significado retórico possibilita ver como a alusão auxilia o escritor em sua estratégia persuasiva. Além disto, leva à compreensão da função formal da alusão às Escrituras de Israel na argumentação e do seu poder persuasivo¹²⁰.

1.7. Desenvolvimento do Trabalho

Em um primeiro momento, no segundo capítulo, buscar-se-á identificar e, também, validar as alusões a Is 52,13-53,12 em Rm 5,12-21, a partir da aplicação dos critérios propostos por R. Hays e assumidos por G. Beale como primeira etapa metodológica, ou seja, os critérios de Disponibilidade, Volume, Recorrência, Coerência Temática, Plausibilidade histórica, História da interpretação e Satisfação.

Logo após, no terceiro capítulo, em continuação à aplicação do Método proposto por G. K. Beale, buscar-se-á analisar o contexto histórico do texto veterotestamentário aludido, assim como determinar a relação literária e histórica das alusões com outros textos das Escrituras de Israel.

Passando-se para o contexto literário da perícopé isaiana, buscar-se-á analisar o seu contexto anterior e posterior e o contexto imediato dos versículos aludidos, ou seja, a perícopé que contém a alusão, através da aplicação das etapas da Metodologia da Exegese Bíblica aplicadas em conformidade com a proposta metodológica de G. K. Beale. Tendo feito isto, pretende-se realizar a comparação da forma textual dos versículos aludidos nas diversas tradições textuais da Escritura de Israel e determinar se e como os versículos de Is 52,13-52,13 aludidos foram

¹¹⁹ Cf. BEALE, G. K. *Handbook on the New Testament Use of the Old Testament*, pp. 52-53.

¹²⁰ Cf. BEALE, G. K. *Handbook on the New Testament Use of the Old Testament*, pp. 53-54.

interpretados em textos do judaísmo anterior e posterior a Paulo que contém referências à perícopos isaiana.

Continuando-se a aplicação do Método, buscar-se-á, no quarto capítulo, analisar o contexto histórico e literário de Rm 5,12-21¹²¹. Para isto, apresentar-se-á o contexto histórico e social de Roma nos tempos de Paulo, a situação das suas comunidades cristãs e judaicas, a situação de Paulo e sua ligação com as comunidades cristãs da Urbe e as motivações da Carta aos Romanos. Quanto ao contexto literário, debater-se-á sobre a unidade, a integridade e a autenticidade da Carta aos Romanos; apresentar-se-á a função, a estrutura literária e o tema do bloco no qual a perícopos está inserida; o contexto literário anterior e posterior de Rm 5,12-21 e a sua função em tal contexto, seguindo-se os passos metodológicos propostos por G. Beale.

Por fim, será contemplado o uso de Is 52,13-53,12 em Rm 5,12-21 propriamente dito, em um primeiro momento, através da análise do uso interpretativo do texto isaiano no texto paulino, aplicando-se para isto, aqui também, as etapas da Metodologia da Exegese Bíblica ao texto neotestamentário a partir da proposta metodológica de G. K. Beale, estudando-se o uso da alusão a Is 52,13-53,12 em outras perícopos do Novo Testamento, comparando-se esse uso com aquele que faz Paulo em Rm 5,12-21 e determinando-se que tipo de uso hermenêutico Paulo faz do texto isaiano.

Em um segundo momento parte-se para a análise do significado teológico do uso do texto isaiano no texto paulino determinando-se a que área da Teologia essas alusões podem trazer a sua contribuição, as categorias bíblico-teológicas que podem ser iluminadas por essas alusões e os pressupostos teológicos da interpretação que Paulo faz de Is 52,13-53,12.

Em um terceiro momento, far-se-á a análise do significado retórico do uso por Paulo da alusão ao texto veterotestamentário.

Por meio desse percurso metodológico, e, de modo especial, do estudo propriamente dito do uso de Is 52,13-53,12 em Rm 5,12-21, chegar-se-á a verificar a validade da hipótese proposta no início da pesquisa.

¹²¹ Foi feita uma adaptação no que se refere à proposta metodológica utilizada unindo-se em um só capítulo a apresentação do contexto histórico de Romanos, o contexto literário amplo do texto aludido e o estudo do uso da perícopos isaiana no texto paulino em vista de uma melhor distribuição do material entre os capítulos.